

OBJETO DE CONSUMO DO PRAZER: A HIPERSEXUALIZAÇÃO DO CORPO DA MULHER TRANS

GILICSYNSKI, Leticia¹
JESUS, Steffany²
MUXFELDT, Ana Maria³
PULGA, Helena⁴
ammuxfeldt@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho visou abordar sobre a LGBTQIAPN+fobia e investigou acerca da hipersexualização de mulheres trans. O tema trouxe uma reflexão a respeito do quanto a cultura do machismo/patriarcal afeta o corpo da mulher, visto como um objeto a ser consumido em prol do desejo masculino. O objetivo dessa pesquisa é verificar e descrever os possíveis efeitos psicológicos causados pela hipersexualização, averiguar a ocorrência do fenômeno, bem como identificá-lo nas participantes. Foi realizada uma pesquisa de campo, contando com 8 mulheres trans, em que se utilizou um roteiro de entrevista semiestruturado com 12 questões. Feito isso, realizou-se a coleta de dados e, posteriormente, a Análise de Conteúdo, que segue o conceito de Bardin (2021), buscando identificar no relato das participantes as experiências acerca da hipersexualização. Observou-se, no caso das mulheres trans, já marginalizadas por uma sociedade preconceituosa, que sentem ainda mais esses efeitos, verificando os possíveis motivos para esses corpos serem vistos enquanto objeto de prazer, não havendo assim espaço para a individualidade. Desse modo, a mulher trans além de marginalizada, é objetificada e violentada das mais diversas formas possíveis, por este motivo, faz-se necessário verificar posteriormente as possíveis alternativas para minimizar, tanto os danos já causados quanto as alternativas para a diminuição destas violências.

Palavras-chave: Hipersexualização, passabilidade, mulher trans, transfobia, transgênero.

Gilicsynski¹ Acadêmica do curso de Psicologia do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz.

Jesus² Acadêmica do curso de Psicologia do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz.

Muxfeldt³ Orientadora e Professora Especialista do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz.

Pulga⁴ Acadêmica do curso de Psicologia do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz.

PLEASURE CONSUMPTION OBJECT: HYPERSEXUALIZATION OF THE BODY OF TRANS WOMAN

GILICSYNSKI, Leticia¹
JESUS, Steffany²
MUXFELDT, Ana Maria³
PULGA, Helena⁴
ammuxfeldt@gmail.com

ABSTRACT

This work aimed to address LGBTQIAPN+phobia and investigated the hypersexualization of trans women. The theme brought a reflection on how much the male chauvinist/patriarchal culture affects the woman's body, seen as an object to be consumed in favor of male desire. The objective of this research is to verify and describe the possible psychological effects caused by hypersexualization, to investigate the occurrence of the phenomenon, as well as to identify it in the participants. A field research was carried out, with 8 trans women, in which a semi-structured interview script with 12 questions was used. Once this was done, data were collected and, subsequently, Content Analysis was carried out, which follows the concept of Bardin (2021), seeking to identify experiences about hypersexualization in the participants' reports. It was observed in the case of trans women, already marginalized by a prejudiced society, that they feel these effects even more, verifying the possible reasons for these bodies to be seen as an object of pleasure, thus not having space for individuality. In this way trans women, in addition to being marginalized, are objectified and violated in the most diverse ways possible, for this reason it is necessary to verify later the possible alternatives to minimize both the damage already caused and the alternatives to reduce this violence.

Key words:: Hypersexualization, passability, trans woman, transphobia, transgender.

Gilicsynski¹ Academic of the Psychology course at the Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz.

Jesus² Academic of the Psychology course at the Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz.

Muxfeldt³ Advisor and Specialist Professor at the Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz.

Pulga⁴ Academic of the Psychology course at the Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz.

1 INTRODUÇÃO

O tema do presente trabalho abordará a respeito da hipersexualização do corpo da mulher trans. Por hipersexualização do corpo feminino compreende-se um fenômeno que atinge as mulheres, inclusive, mulheres trans. À vista disso, o corpo é estereotipado por uma cultura arcaica, construída com sua base no patriarcado, tendo como principal propósito objetificar este corpo, transformando-o em algo de cunho meramente sexual. Essa sexualização direcionada às mulheres trans é pouco debatida, o que mostra mais um indicativo do quanto a sociedade normalizou esse fato.

Por mulher trans se compreende as pessoas que foram designadas com o sexo masculino ao nascer, entretanto, identificam-se com o sexo feminino e buscam por meio da transição a construção de sua própria identidade, de modo que sejam capazes de se reconhecerem com seu gênero, podendo passar pelo processo de hormonização por meio da utilização de anticoncepcionais e cirurgias (MONTEIRO; BRIGEIRO, 2019). Essas mulheres vivenciam o preconceito e a exclusão diariamente, uma vez que alguns grupos consideram seus corpos como instrumentos para sua satisfação sexual, sendo vistos como impróprios quando inseridos em uma sociedade, ou seja, tem-se uma visão distorcida sobre o assunto, ocasionando na visão da hipersexualidade do corpo da mulher trans, não considerando-a como parte da sociedade (PODÊSTA, 2019; JESUS, 2012).

Ao observar a escassez de estudos com relação a temática da hipersexualização e o corpo da mulher trans, percebeu-se que quando realizados debates a respeito dessa problemática ocorre uma discussão apenas acerca do corpo da mulher cisgênero, deixando de fora o corpo trans. Deste modo, esse fato corrobora com a falta de estudos que levem em consideração o ponto de vista de mulheres trans com relação à hipersexualização de seus corpos. Isto posto, a pesquisa desenvolvida levanta questões que foram instigantes acerca dessa marginalização e da hipersexualização desses corpos - pouco notados na sociedade -, buscando que o tema seja mais debatido e que essas mulheres, que tanto sofrem preconceito, sejam menos vistas como objetos sexuais e mais como pessoas, com suas subjetividades e suas preferências.

Sendo assim, buscou-se questionar neste trabalho como se dá a experiência de mulheres trans em relação à hipersexualização de seus corpos. Com tal intuito, buscou-se averiguar se a hipersexualização ocorre entre as participantes da pesquisa.

Para tanto, procurou-se identificar o que é hipersexualização na perspectiva dessas mulheres trans, além de descrever as experiências relacionadas a este fenômeno.

Com isso, faz-se necessário buscar uma base teórica que fundamente a pesquisa científica. Dentre estes conceitos, destacam-se:

- Transgeneridade, que refere-se a um termo guarda-chuva, o qual integra diferentes identidades de gênero, como por exemplo: não binários, transexuais e travestis, que se encontram em desacordo com seu sexo biológico e que buscam alternativas para a autoaceitação (AGUIAR; QUADRADO, 2017; APA, 2011). Segundo Jesus (2012), pessoas trans sentem a inadequação de seus corpos e buscam métodos para que se sintam confortáveis com sua imagem corporal de acordo com seu gênero, buscando a autoaceitação, utilizando-se de diversos métodos, como cirurgias, hormonização ou até mesmo por meio de estratégias mais simples, como vestuário e comportamentos, de modo a se reconhecerem. Vale ressaltar que, conforme afirmam Oliveira, Vilaça e Gonçalves (2019):

A transexualidade integra o espectro das perturbações de identidade de gênero e compreende a existência de uma discrepância entre o sexo biológico e a identidade de gênero com a qual a pessoa se identifica. Esta leva, muitas vezes, a sentimentos de angústia e infelicidade. Quando estes sentimentos estão presentes, a condição designa-se por disforia de gênero. Porém, a transexualidade e a disforia de gênero nem sempre coexistem. (OLIVEIRA, VILAÇA E GONÇALVES, 2019. Pág. 210)

Ou seja, nem sempre a transexualidade pode ser considerada como disforia de gênero. A disforia de gênero caracteriza-se pelo sofrimento causado por essa incongruência.

- Transfobia, descrita por Podèsta (2019) enquanto uma sanção que busca por meio dos diferentes tipos de violência (verbal, física, moral, psicológica ou mesmo sexual) a rejeição e exclusão da transgeneridade, isto é feito visando que os indivíduos não se reconheçam enquanto trans ou mesmo não busquem iniciar o processo de transição de gênero. Em um estudo realizado por Jesus (2012), torna-se evidente os índices alarmantes desse crime de ódio, bem como o lugar de destaque no qual o Brasil se encontra, uma vez que o país é responsável, isoladamente, por 39,8% dos assassinatos de pessoas transexuais registrados no mundo entre 2008 e 2011, e no mesmo período por 50, 5% desses crimes na América Latina (JESUS, 2012, p.10).
- Hipersexualização, trazida por Ribeiro (2005) enquanto uma visão do feminino

colocado como um artefato, já que essa representação de corpo se mostra na situação sexualizada apenas para ser visto. A imagem apresentada dá a impressão de ser um corpo feminino bonito, que está à disposição de um conceito erotizado, que retém características que a oferecem em um serviço com cunho sexual. Por isso, ao falar sobre a hipersexualização, Costa (2018) discorre que, nos dias atuais, tal definição se mostra tão bem implantada em nossa cultura que acaba por não discutir, ou até mesmo argumentar, sobre o fato de o corpo feminino ser colocado como uma mercadoria, por ser exposto como um objeto sexualizado.

- Passabilidade, o qual tem início em estudos norte americanos (do inglês “*to pass*”) e que para Lanz (2014) vem como uma procura para definir aspectos do indivíduo, sejam traços físicos, gestos, comportamentos, que apresenta uma afinidade para a pessoa na forma de se definir. Ainda que, segundo Pontes e Silva (2018) a ideia da passabilidade acarrete em um funcionamento do gênero, que garante uma apresentação do heterossexual, cisgênero, ou seja, uma posição no que é “normal”. Outro ponto de destaque, refere-se ao que Ferreira (2017) cita a respeito da população, uma vez que este nos traz que o ser homem ou mulher segue parâmetros estabelecidos. Portanto, “Em relação ao que ‘podemos’ identificar como ‘ser homem’ e ‘ser mulher’, e, dentro desse contexto existem roupagens ‘corretas’ que fazem com que nos aproximemos de uma feminilidade ou masculinidade hegemônica” (SOUZA, 2018. p. 327).

2 MÉTODOS

Esta pesquisa, sob o ponto de vista de sua natureza, foi qualificada como uma pesquisa básica, visto que apresenta uma perspectiva acerca da hipersexualização do corpo da mulher trans. Além disso, com base nos objetivos mencionados anteriormente, caracteriza-se como sendo descritiva, uma vez que buscou discorrer a respeito da hipersexualização do corpo da mulher transgênero, bem como, realizar o levantamento de dados de ordem qualitativa. Outro ponto a ser ressaltado se refere aos procedimentos técnicos, tendo em vista que realizou-se uma pesquisa de campo, buscando verificar o fenômeno da hipersexualização do corpo da mulher transgênero.

Após a aprovação do Projeto de Pesquisa pelo Comitê de Ética sob CAAE n.º 60464422.0.0000.5219, as pesquisadoras deram início ao recrutamento das participantes, por meio de divulgação nas redes sociais, que foram contatadas,

informadas sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa. Após, deu-se a coleta das devidas assinaturas do Termo de Consentimento Livre Esclarecimento (TCLE) e, a partir disso, os dados foram coletados no período de agosto a outubro de 2022, contando com 8 mulheres trans, de 18 a 40 anos, de classe social média ou baixa, residentes em uma cidade do Oeste do Paraná, que possuíam mídias sociais, concordaram em participar da pesquisa e forneceram as informações solicitadas por meio do roteiro de entrevista semiestruturada. Dessa forma, foi feito contato com mulheres trans perguntando se estariam dispostas a fazer parte da pesquisa. Ao definir as participantes, foram agendados os encontros com as selecionadas, para que pudessem participar da entrevista.

Após a coleta de assinatura do TCLE, realizou-se um pequeno *rapport* com o intuito de esclarecer qualquer dúvida com relação a documentação apresentada, em seguida aplicou-se a entrevista por meio de um roteiro de entrevista semiestruturado, constituído por 12 perguntas formuladas previamente com base no tema e objetivos da pesquisa. As entrevistas foram gravadas por um aplicativo de gravação de voz, no celular de uma das pesquisadoras, e ao término, os áudios foram transcritos e descartados, utilizando-se apenas as transcrições para a análise dos resultados. Todas as respostas fornecidas pelas participantes durante as entrevistas foram transcritas, lidas, categorizadas e selecionadas para Análise de Conteúdo, que segundo Bardin (2001) é definida por ser “de um tratamento da informação contida nas mensagens” (BARDIN, 2001, p. 34), ou seja, a Análise de Conteúdo se mostrou uma técnica de cunho investigativo, que visa uma descrição objetiva, sistemática e qualitativa do conteúdo apresentado.

Para que não fosse possível revelar a identidade das participantes, as pesquisadoras optaram pela utilização das iniciais de seus nomes, de modo a manter a confidencialidade das mesmas e, do mesmo modo, preservar suas identidades, mantendo o sigilo necessário de forma a não causar quaisquer danos às participantes.

3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 CORPOS COMO OBJETO DE CONSUMO DO PRAZER

Pode-se perceber, que para a sociedade há uma ideia de que uma das principais funções do corpo feminino é a de conceber prazer, em especial ao masculino. Sendo

assim, quando Costa (2018) fala sobre a hipersexualização, esse fato se apresenta tão infiltrado em nossa cultura que resulta em algo que não é sequer debatido - não é levado em pauta pelos indivíduos, sendo o corpo feminino considerado uma mercadoria. É possível identificar esta afirmação quando verificamos a fala da entrevistada E. M:

“Você é, *fucktoy*, como se fosse um consolo ou sei lá, pra você meter e foda-se, você não tem direito de se apaixonar, não tem direito a ter uma vivência como mulher.” (E. M.).

Torna-se evidente que existe um esquecimento da própria mulher envolvida na violência, da pessoa em si, e como consequência, olha-se apenas o corpo, essa fonte de desejo tão cobiçada. Por isso, percebe-se que a liberdade do corpo, que merece seu respeito como um direito intrínseco, ainda é vista - mesmo que de forma encoberta - como uma manipulação do masculino que faz com que as mulheres os sirvam com imagens erotizadas para seu prazer pessoal e sexual, ou seja, “a hipersexualização manipula a mulher à submissão aos desejos masculinos como uma nova roupagem da dominação patriarcal” (MATTOS, 2021, p. 24). A entrevistada A.D. apresenta esta ideia quando relata a seguinte situação de assédio:

“Por exemplo eu costumo me exercitar correndo, que é um momento em que a última coisa que eu to pensando é em sexo, mas nesse momento frequentemente eu sou abordada por caras que... me propondo fazer sexo oral, me propondo transar com eles, e isso é pra mim como um choque sabe, pra mim é como... é tão desrespeitoso, é tão surpreendente, e ao mesmo tempo é de alguma forma... eu naturalizei tanto isso sabe.” (A.D.).

Mattos (2021) também fala sobre como a hipersexualização é um recorte da cultura em que, vagarosamente, a representação vulgarizada da objetificação da mulher se torna simplificada, apenas em um sentido de corpo acessível, refém do homem que se autoriza a satisfazer seu desejo por meio do assédio e do abuso sexual, isso se torna evidente na entrevista com A. D., quando a mesma nos traz mais um relato de assédio sofrido:

“Eu já fui pra casa dos meus avós de ônibus, eu já fui assediada por um homem na viagem, me mostrando o pênis dele, me fazendo propostas de sexo, dentro do ônibus sabe.” (A. D.).

Tal dominação que o homem exerce por meio da hipersexualização se relaciona com a objetificação, em que a mulher deixa de ser considerada como um indivíduo,

virando mero fantoche de quem a manipula, alguém sempre sai ganhando com isso, normalmente um homem. Dessa forma, as consequências vistas desse ato de hipersexualizar um corpo, que se tornam uma arma contra a figura feminina, colocada como um objeto, são as mulheres deixarem de serem vistas, perdendo sua voz, sua autonomia e vindo a ser um indivíduo que não tem direitos (SOMMACAL, TAGLIARI, 2017). Essa hipersexualização vem por meio da fala de L. V. quando esta diz:

“Então, eu vejo como uma desvalidação da mulher trans enquanto ser humano, é vista mais como objeto que tá ali pra fornecer satisfação sexual, apenas isso, é como se pra algumas pessoas a gente fosse como grandes vibradores enormes que andam por aí só afim de acabar...” (L. V.).

Sendo assim, percebe-se com as falas como o corpo da mulher trans é desejado, mas no sigilo, sendo buscado para saciar um fetiche que aos olhos daquele que procura é considerado uma vontade errada, anormal. O efeito dessa visão é um corpo marginalizado, cobiçado, mas hostilizado. Isso acontece, segundo Rodriguez e Anzini (2020), já que acham-se homens héteros interessados nesses corpos de mulheres trans, que de maneira histórica são estereotipados, relacionados com o conceito de “sexo frágil, prostituição, violência e coisas exóticas” (RODRIGUEZ; ANZINI, 2020, p. 11). A mulher transgênera acaba por ser considerada um artefato que tem a obrigação de saciar todos os fetiches de um homem. Conforme abordado por Anzini (2021), devido a esse fenômeno é criada uma barreira, separando pessoas trans de pessoas cis e, assim, as mulheres trans do restante da sociedade, de modo que as interações sejam consideradas ilegítimas, a fim de não causarem interferências no CISTema¹.

De mesmo modo a figura feminina vem sendo constantemente exposta a um tipo de ideologia com relação a objetificação sexual de um modelo a ser seguido. Desse modo, acaba por ter seu valor imposto a um padrão, como Rocha (2018) cita, podendo levar a casos de depressão, transtornos alimentares, submissão e cirurgias plásticas excessivas. Sendo assim, essa busca pelo corpo feminino idealizado com esses objetivos, mesmo que não sendo percebidos de forma consciente, levam a uma rachadura no poder feminino, transformando a mulher em uma escrava de sua própria perfeição. Este fato é apresentado de forma evidente na fala de M.L. e A.M., quando trazem em seus discursos o seguinte:

¹ Palavra utilizada no artigo **A Queda do Falo: arqueologia do cotidiano de travestis e mulheres trans**, para se referir ao sistema cisgênero.

“A pornografia é um dos maiores mercados de atuação do Brasil e do mundo e inclusive eu já fui uma dessas mulheres que comercializavam conteúdo de nudez e essa hipersexualização me ajudou, eu não vou ser hipócrita... eu não vou mentir... mas essa questão de hipersexualizarem as mulheres, principalmente mulheres e principalmente mulheres trans negras, e mais ainda... eu vou mais longe: eu sou uma mulher trans, negra, gorda. Então eu sou o fetiche mais cobiçado do twitter, então essa hipersexualização me ajudou nessa questão... só que pra relações sexuais ela me atrapalha, porque no fim eu me torno só um produto de consumo, eu só sou um pacotinho de bolacha recheada que quando acaba a fome, acaba o interesse você descarta. (...) Você é vista como usual, usável e descartável” (M. L.)

“A mulher sempre vai acabar sendo como um objeto que os homens roubam, vai acabar sendo vista como algo que eles podem obter, a mulher ela vai acabar sendo desvalorizada, ela não vai ser um ser humano.” (A. M.).

Com isso, expõem-se que a mulher independente de sua orientação sexual, sempre foi posta como objeto, um prêmio a ser colecionado, exibido, como um ganho para o homem. Essas interpretações do corpo feminino, no corpo social, foram formadas através da ótica desses rótulos impostos por uma sociedade patriarcal. Sendo assim, podemos dizer que esses corpos “foram dominados e oprimidos em uma cultura em que são reservados aos patriarcas (homens) plenos direitos e poderes” (TILIO *et al*, 2021, p. 11).

3.2 PADRÃO DE BELEZA

Quando se traz à tona a questão a respeito de beleza, percebe-se que há um padrão, que foi imposto pela sociedade e impacta de forma direta e negativa como os seres humanos se vêem. Conforme abordado por Carvalho e Madureira (2018), o corpo é influenciado e mostra ter influência na sociedade como um todo, sendo que por meio desse impacto, é moldado diversos padrões, que como consequência da imposição, promove uma objetificação das mulheres, deixando-as em um lugar de submissão. A sociedade acaba por impor o que deve ser seguido e impõe um exemplo de corpo e beleza padronizado. E, desde então, é correto afirmar que as mulheres perseguem a beleza (OLIVER, 1999), o que pode ser observado por meio da fala da entrevistada A.D.:

“Eu tenho disforia com o meu corpo, eu tenho disforia com a minha aparência. Eu acho que a sociedade rejeita, repudia, repugna esse corpo, que é um corpo considerado anormal” (A. D.).

Entretanto, a busca por esse modelo imposto pela sociedade leva a uma procura incansável por um padrão de beleza, como algo prioritário e que quando não é alcançado é visto perante a sociedade como “errado”. Porém, o que as mulheres não se questionam a respeito desse assunto é que devido a exposição da mídia a respeito de um padrão de beleza, bem como a velocidade com que as informações chegam para nós, muitas mulheres podem se colocar em perigo, uma vez que não se questionam a respeito da real necessidade para a realização de procedimentos, além de não realizarem consultas médicas e fazerem a utilização de qualquer método sem a devida orientação profissional (OLIVEIRA e AURÉLIO, 2018). Ademais, esse padrão imposto pela sociedade deve ser quebrado aos poucos, de modo que os corpos sejam vistos apenas enquanto humanos e deixem de ser um objetivo a ser alcançado. Essa questão aparece de forma clara no discurso da entrevistada L. V., quando a mesma nos traz:

“A gente não precisa também se submeter a isso pra ser mulher pra expressar a nossa feminilidade, não precisamos fazer inúmeras cirurgias faciais, aplicação de botox, preenchimento, silicone e nem nada do tipo, porque não tem cirurgia no mundo que torne alguém mais mulher ou mais homem”. (L. V.)

Conforme abordado por Carvalho e Madureira (2018), quando pensamos no corpo, em todo o seu contexto, deve-se considerar uma parcela significativa de elaboração de reconhecimento individual. Dito isso, observa-se que o corpo é visto enquanto uma construção trazendo à tona a autoidentidade do indivíduo, entretanto, mesmo que esta seja a forma como o indivíduo se caracteriza, ainda há uma interferência por parte da sociedade, trazendo um modelo a ser seguido, abordando até mesmo a respeito de um padrão de beleza. Isso remete ao que E. M. fala em sua entrevista:

“Eu me sinto horrível ao olhar no espelho, encarar o espelho todos os dias, já é o primeiro desafio do dia (...) Ah, eu sou uma aberração, eu sou uma abominação, meu corpo tá errado, talvez se meu corpo fosse mais feminino eu poderia me encaixar nesses padrões” (B. S.).

A partir da fala de B. S, torna-se evidente que nossas relações sociais dependem do que Anzini (2021) traz como sendo um código social, pelo qual assumimos nosso papel diante da sociedade, utilizando-se de vestimentas, gestos ou mesmo por meio de

nossos corpos, de modo a se inserir na sociedade por meio da identidade de gênero imposta como sendo a “certa”, um padrão a ser seguido.

Quando pensamos no corpo, em todo o seu contexto, deve-se considerar uma parcela significativa de elaboração de reconhecimento individual (CARVALHO e MADUREIRA, 2018). Ou seja, o corpo é visto enquanto uma construção com base na autoidentificação do indivíduo. Contudo, mesmo que esses corpos sejam uma representação de como a pessoa se caracteriza, ainda há um direcionamento por parte da sociedade, esta que traz consigo um padrão a ser seguido. Isto é observado na entrevista de (E.M.) quando a mesma retrata:

“Eu já ouvi de outras meninas “ah eu sou uma aberração, eu sou uma abominação, meu corpo tá errado, talvez se meu corpo fosse mais feminino eu poderia me encaixar nesses padrões” (E. M.).

Este fato é decorrente justamente a esse padrão imposto, devido a este fato, faz-se necessário que os indivíduos busquem alternativas para não vivenciarem as mais diversas violências observadas na sociedade, dentre estas alternativas, a passabilidade. Conforme Ferreira e Natansohn (2019), a passabilidade diz respeito a um indivíduo performar a cisgenderidade, de modo a apagar quaisquer características que possam evidenciar seu gênero de nascimento, para que dessa forma possam ser reconhecidos como se apresentam e se reconhecem. Este fato se torna evidente na fala das entrevistadas E. M. e L.V, uma vez que estas trazem em seus relatos:

“Muitas delas procuram por isso, por essa passabilidade pra que elas basicamente tenham acesso a ambientes sociais e que elas sejam capazes de socializar como todo ser humano tem direito, de auto expressão e de dignidade.” (E. M.).

“Tem aquelas pessoas que acabam tipo, ficando desconfortáveis por não terem percebido antes, como se fosse algo que fosse necessário ser percebido e acaba criando um clima chato” (L. V.).

Além disso, torna-se evidente o fato de que quando não há passabilidade a mulher trans não tem espaço dentro da sociedade, não sendo bem vista, ou mesmo reconhecida de acordo com o que se identifica. Para tanto, Ferreira (2017) aponta que há uma produção social do gênero, de modo que seja trabalhado todas as questões em volta da pessoa, como sua imagem corporal, comportamento, voz, bem como outras

características que perante a sociedade são consideradas como marcas pertencentes ao gênero. E. M. expressa isso em sua fala quando nos diz:

“Então sim, a passabilidade afeta muito o ser social e isso é muito injusto porque isso te leva a exclusão então é como se a passabilidade fosse o seu ticket cis "você agora é membro cis honorário e pode participar da nossa sociedade" (E. M.).

Entretanto, devido aos diversos fatores, é sabido que nem todas as mulheres trans possuem passabilidade, e conforme Ferreira (2017) comenta, no Brasil, observa-se uma violência envolvendo transfobia, por esse motivo a pessoa que se apresenta como cisgênero está utilizando uma estratégia de sobrevivência, uma vez que a sociedade elabora seus padrões de homem em mulher com base em estigmas e diferenças anatômicas. Esse fato se torna evidente na fala da entrevistada A.M., que retrata esse sentimento de segurança ou insegurança relacionada à passabilidade em sua fala. Em contraponto, a entrevistada A.D diz que em sua experiência, como uma pessoa não passável, a passabilidade não impede que a hipersexualização aconteça:

“Acredito que as mulheres transexuais que tem passabilidade sofrem bem menos porque elas acabam passando despercebidas pela sociedade e isso é até uma segurança a mais, então eu acredito que algumas procuram justamente pra se sentir mais inseridas na sociedade e outras procuram justamente por segurança, eu procuro de verdade mais pela minha segurança.” (A. M.)

“Não, eu acredito... Eu não tenho passabilidade né. Eu acredito que não vá, nesse sentido da hipersexualização fazer muita diferença. Porque me parece que a hipersexualização é generalizada pra mulher né. Eu acho que existem casos que isso, tem grupos, sei lá, que isso é mais intenso, mais profundo, por exemplo, para mulheres negras, para mulheres trans, para mulheres travestis, assim. Mas isso é muito generalizado, parece. Eu não acredito que a passabilidade seja algo que amenize nesse sentido. Mas enfim, eu to falando de um lugar de uma pessoa que não é passável.” (A.D.).

Portanto, percebe-se que a passabilidade é importante para as mulheres trans, já que como diz O'Dwyer (2016, p. 41), “a ‘passabilidade’ é simultaneamente um mecanismo de proteção contra o preconceito e a violência e o indicador de sucesso do processo de feminização”. Entretanto, para outras mulheres trans, aquelas que a passabilidade não está dentro dos padrões estabelecidos, esse fator que deveria ser algo que trouxesse segurança, não é motivo de tal, o que as deixam suscetíveis a violência, discriminação, preconceitos e a hipersexualização.

3.3 TRANSFOBIA: ASSÉDIO E VIOLÊNCIA

Ao longo de toda a história, essa comunidade de pessoas transgênero (na qual as travestis e pessoas transexuais fazem parte) sempre foi estigmatizada, marginalizada e perseguida, decorrente de uma convicção de que isso seria algo anormal, provindo de um estereótipo de que o que seria o denominado “normal” como sendo as pessoas com o gênero designado no momento do seu nascimento, seja aquele que a pessoa se reconheça. Assim sendo, presume-se que elas ajam de modo com o qual seja esperado ou “adequado” para tal gênero (HERDT, 1996). Quando percebemos a realidade de pessoas transexuais e travestis no Brasil, o espaço delimitado para essa comunidade é a de “exclusão extrema, sem acesso a direitos civis básicos, sequer ao reconhecimento da identidade” (JESUS, 2013, p. 4). Tal fato é percebido no discurso de B. S. e L. V.:

“A sociedade cobra que você tem sempre que tá com uma tarja na testa dizendo se você é trans ou não. (...) E tipo, a gente não tem uma vida, a gente se veste e vai pra esquina e fica lá, essa é a vida da transexual” (B. S.).

“E até pra algumas mulheres, somos vistas como se a gente fosse um animal dentro de um zoológico em exibição, como se fosse algo “nossa, como é que é, como é que ter um órgão diferente, como é que é ser quem você é. Eu começo a conversar com alguém e daí você percebe que o interesse ta realmente aumentando e infelizmente eu sinto a necessidade de ter que falar, olha, eu sou assim, essa é a pessoa que eu sou, como se isso me definisse enquanto mulher enquanto ser humano que eu acredito que não me define mas por as pessoas estarem desconstruídas ao ponto de não compreender esse meu posicionamento eu acabo cedendo e indo com a correnteza, seguindo o fluxo, então isso acaba me deixando bem desconfortável porque daí começa, o que era um papo descontraído sobre coisas aleatorias acaba se tornando assunto sobre sexo, tudo gira em torno de sexo, tudo gira em torno de questões específicas meu do corpo, como órgão genital, preferencia em posições e tal, e isso é algo totalmente desconfortavel.” (L. V.).

Na perspectiva referente às questões de gênero, vendo pela ótica dos assassinatos das travestis e das mulheres transexuais, observa-se que existe a mesma logicidade das violências conjugais, comportamentos “comuns” em casais tradicionais, heteronormativos, embasados em relações machistas, definidos por agressões às mulheres, por parte dos homens, quando em circunstâncias de conflitos, caracterizando-se como uma forma de manipulação e controle do corpo feminino (BANDEIRA, 2009). Essa violência se evidencia por meio do que E. M. nos traz:

“Agora, pra mulher trans, eu vou te falar logo a real, eu não tenho lugar nesse mundo é como eles quisessem que meu lugar seja, dentro de uma vala, de uma cova, sem nem identificação, nos querem mortas, porque existe uma

frase masculina que me tira do sério que é bem assim “nem pra ser mulher serve”. (E. M.).

As definições dos assassinatos de travestis e de mulheres e homens transexuais no Brasil, no nível micro, definem-se por crimes de ódio, já no nível macro, sendo uma forma de esforço de genocídio dessa população. As consequências da violência estrutural para com essas pessoas deixam de desqualificar o que sofrem, classificando-a como apenas uma série de assassinatos isolados, a fim de elucidar esse método de intolerância generalizada. Nesse sentido, essa concepção de improbabilidade de coexistência com as pessoas que fazem parte dessa comunidade, é justificativa de sua experiência de gênero por ser diferente da “nossa” (JESUS, 2013). Tal situação se constata com a fala de E. M.:

“Não tenho lugar nesse mundo, me querem morta, e aí começa a depressão, essa ansiedade, começam a alimentar na sua cabeça aquelas ideias, você não tem lugar nesse mundo, você não tem família, você não tem amigos, talvez seja melhor que eu esteja...morta, e aí começam os suicídios.” (E. M.).

Para tanto, constata-se que são diversos os lugares em que a transfobia se encontra, sendo exercida por todo tipo de pessoa. Isso, segundo Zerbinati e Bruns (2019), segue a perspectiva da cisnormatividade, que exerce um domínio sobre a sexualidade de modo rígido e cruel. Sendo assim, põe-se em ameaça a pessoa trans, fazendo com que essa população tenha que se encaixar nessa “normalidade” sexual, caso contrário, é posta como uma pária na sociedade. Porém, ainda que se coloquem, contra a vontade, nessa regra, ainda são deixadas de lado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as entrevistas, percebeu-se o que os relatos traziam e antes de acontecer a conclusão das entrevistas com o número esperado, as pesquisadoras atingiram o ponto de saturação das respostas obtidas na sétima entrevista, sendo encerrada a procura de dados para o estudo realizado.

Tendo em vista as entrevistas obtidas, as falas das participantes foram transcritas, categorizadas e selecionadas para que se desse a Análise de Conteúdo de Bardin (2021), com isso, percebe-se a forma sexualizada que as mulheres trans são tratadas, em quase todos os âmbitos de suas vidas. Por meio das falas das entrevistadas, entendeu-se que a

hipersexualização se naturalizou para quem a procura, devem estar disponíveis para esses fins, precisam estar nesse papel de servir sexualmente a outra pessoa, desqualificando o indivíduo como um todo, sem necessidades pessoais, sem sonhos e objetivos. Como cita Lewis (2017), essas mulheres acabam por serem vítimas de preconceitos, que consequentemente são ligados à hipersexualização, o que piora quando estas definem, por palavras, sua identidade. Elas, então, são vislumbradas pela visão do outro como promíscuas, libertinas, o que as invalidam perante o sistema.

Assim, entra-se em outro tópico apresentado por meio das entrevistas, que foi o de objetificação. Esse fenômeno acaba por ser uma consequência da hipersexualização, levando, na maioria dos casos aqui estudados, de homens vendo essas mulheres como meros objetos, que existem apenas para satisfazer esses fetiches reprimidos. É percebido o quanto isso gera sofrimento, pois invalida a existência e levanta o questionamento próprio do indivíduo, de que o mesmo poderia ser mais do que isso, de como escapar desse estigma empregado de forma tão pejorativa. Essa questão, Carvalho e Madureira (2018) discorrem sobre como o corpo é influenciado pelo contexto social, fomentando padrões a serem buscados e alcançados, resultando em uma colocação da mulher como objeto de contemplação, sendo colocada em uma postura passiva.

Além disso, a transfobia se mostra muito presente no discurso. Falas de preconceito, de intolerância, por ser algo “anormal”, por ser destoante, fugindo do que seria considerado tradicional pela sociedade, num discurso moralista e excludente. Em relação a isso, Bento (2008) pontua que diante de tais atitudes e comportamentos - que não são correspondentes ao que se espera do gênero fisiológico ao qual a pessoa nasceu - que não são seguidos, as regras impostas para o gênero são desestruturadas. Com isso, usa-se da violência para “combater essa afronta”, buscando manter longe o que é visto como “anormal”. Saffioti (2001) diz acerca desse conceito, o qual se mostra de forma abrangente, que ele se evidencia como uma alternativa à violência convencional e que dá a entender que, mais que a violência contra mulheres, também pode alcançar crianças e adolescentes, além dos indivíduos que vão contra a tradição do patriarcado - como as mulheres trans - sendo punidos por homens, os quais, possuíam essa autorização. A partir disso, acontece uma normalização da marginalização dessas pessoas tratadas como “aberração”.

Um meio que as pessoas trans encontraram para se proteger de alguma forma do preconceito é o de passar “despercebido”, sendo que para isso os indivíduos buscam que suas características físicas sejam o mais próximo possível do gênero ao qual se

identificam. O termo atribuído a esse fenômeno é o da passabilidade e por meio do discurso das entrevistadas relatam a segurança que a passabilidade proporciona, como um modo de se camuflar, evitando as reações hostis e discriminatórias que são comuns com o convívio de pessoas cisgênero. A passabilidade se mostra como mecanismo de preservação, que “implica o *passar por* numa relação não só de identificação, mas de sobrevivência ao espaço público, e como única forma de existir.” (SILVA; CALAIS, 2019).

Assim, passa-se a discutir sobre o quanto o padrão de beleza imposto pela sociedade afeta as mulheres trans, pois para que atinjam a passabilidade necessária para serem “normais” é preciso seguir esse padrão, para serem femininas o máximo possível, não deixando vestígios de que seriam algo além do que mulheres. Entretanto, como foi citado por uma das entrevistadas, a sociedade ainda assim cobra, quando descobre que a mulher é trans, de que ela deixe isso explícito, que demonstre de alguma forma que é trans, para não acontecer “enganos”.

Porém, é necessário destacar que nem todas as entrevistadas concordam com a crença de que a passabilidade proporciona segurança para a pessoa trans, pois de algum modo essa “anormalidade”, como a sociedade gosta de empregar para essa população, acaba sendo “descoberta” e a cobrança por essa “mentira” é feita, às vezes de modo violento, sendo o desfecho não favorável para as pessoas transgênero.

Assim sendo, ao olharmos para tudo o que foi exposto neste artigo, observa-se como essa população sofre e é marginalizada pela sociedade “normal”. As consequências de tal exclusão estão nos números alarmantes de pessoas transgênero sendo assassinadas, não apenas no Brasil, mas no mundo inteiro. Entretanto, apesar desse ódio declarado e não comedido, ainda existe um desejo por esse corpo transgênero, sendo atribuído a ele um caráter objetificado, demarcado como algo usável, como mero entretenimento prazeroso, que deve e precisa ser escondido, um desejo proibido, porém, cobiçado.

Isso resulta nessa hipersexualização do corpo das pessoas transgênero, mais especificamente estudado neste artigo, o de mulheres que sofrem um grau a mais de preconceito e de estigmatização apenas por serem mulheres, serem femininas. Uma característica ainda muito enraizada e, infelizmente, valorizada, dessa cultura machista e patriarcal em que nossa sociedade está inserida.

Nesse sentido, o presente artigo tenta expor essa realidade massacrante e retrógrada, que diminui mulheres trans, reduzindo-as a coisas, como se não tivessem

nem mesmo o mérito de estarem no patamar de seres humanos, assim como destacar o quanto essa crença de o homem ser um "ser superior" assassinou e, ainda assassina, inúmeras mulheres, sejam elas transgênero ou cisgênero, de qualquer faixa etária, por essa satisfação perversa de prazer sem consequências (para o homem).

“Ame uma pessoa trans, existe um mundo inteiro ali mágico pra ser explorado, então sabe, não é difícil. Juro pra vocês que não é difícil. As pessoas fazem ser, nesse mundo as pessoas fazem ser difícil ser amado, amar, pra coisa mais básica já é difícil, e ainda fazem tudo isso assim sabe... então sempre que puder não tenha medo de dizer que você ama uma pessoa trans, não tenha medo, o máximo que pode acontecer é ela simplesmente se desmanchar em lágrimas na sua frente porque ela não escuta isso”. (E.M.)

Esta pesquisa é dedicada a todas as mulheres trans, tanto as entrevistadas, quanto às demais que compõem essa comunidade de pessoas, que enfrentando seus medos, demonstraram coragem e nos ajudaram em nosso estudo. Somos eternamente gratas pela participação e apoio que recebemos para se falar de um tema tão importante e pouco debatido em nossa sociedade.

Não podemos e não vamos ser caladas!

REFERÊNCIAS

AGUIAR, T. G. O.; QUADRADO, R. P. **Analisando significados de transgeneridade na série liberdade de gênero**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11, Florianópolis, p. 1-12, 2017. Disponível em: http://www.en.wwwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499394461_ARQUIVO_Thais_ArtigoFG.pdf. Acesso em: 29/09/2022.

ANZINI, Violet Baudelaire. **A Queda do Falo: arqueologia do cotidiano de travestis e mulheres trans**. 1ª Ed. Porto Alegre, Edição da Autora, 2021.

American Psychological Association. **Answers to your questions about Transgender people, gender identity, and gender expression.** 2010. Disponível em: <https://www.apa.org/topics/lgbtq/transgender.pdf>. Acesso em: 29/04/2022.

BANDEIRA, L. **Três décadas de resistência feminista contra o sexismo e a violência feminina no Brasil: 1976 a 2006.** Sociedade e Estado, Brasília, v. 24, n. 2, 2009.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Distribuidor no Brasil: LIVRARIA MARTINS FONTES, 70ª ed., São Paulo, 2001.

BENTO, B. **O que é transexualidade.** Brasília: Brasiliense, 2008.

CARVALHO, M. M. A. **Os impactos de padrões estéticos hegemônicos e modelos de feminilidade na subjetividade das mulheres.** UniCEUB, 2018. 18p.

COSTA, A. K. S. **Hipersexualização frente ao empoderamento:** a objetificação do corpo feminino evidenciada. Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018. Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/> Acesso em: 26/09/2022.

FERREIRA, S. R. S. **O direito ao manejo dos próprios dados, a autodeterminação e a passabilidade trans:** diálogos a partir de um relato. Anais V ENLAÇANDO... Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/30673>>. Acesso em: 05/10/2022

FERREIRA, S. R. da S., & NATASOHN, L. G. (2019). **Objetos de aparecer e de desaparecer de Anastacia:** diálogos sobre passabilidade trans* e o direito ao manejo dos próprios dados on-line a partir de um estudo de caso. *Cadernos De Comunicação*, 23(1). <https://doi.org/10.5902/2316882X36709>

HERDT, G. **Third sex, third gender:** beyond sexual dimorphism in culture and history. New York: Zone Books, 1996.

JESUS, J. G. **Orientações sobre identidade de gênero:** Conceitos e Termos. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. 2ª edição . ed. Brasília, 2012. 42 p. Disponível em: <http://www.diversidadesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>. Acesso em: 29/04/2022.

JESUS, J. G. de. **Transfobia e crimes de ódio:** Assassinatos de pessoas transgênero como genocídio. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). (In)Visibilidade Trans 2. História Agora, v.16, nº 2, pp.101-123, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/281321251_Transfobia_e_crimes_de_odio_Asassinatos_de_pessoas_transgenero_como_genocidio Acesso em: 04/10/2022.

LANZ, L. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero.** 342f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/36800/R%20-%20D%20-%20LETICIA%20LANZ.pdf>>. Acesso em: 12/09/2022.

LEWIS, E. S. **O ciclo paradoxal de apagamento e super-sexualização da bissexualidade nos movimentos LGBT:** resistências em narrativas de ativistas bissexuais. In: Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades, V, 2017, Salvador. Anais (Online). Salvador: Realize, 2017. 12p. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO_EV072_MD1_SA25_ID669_19062017235202.pdf>. Acesso em: 10/10/2022.

MATTOS, R. M. **Constituição da sexualidade feminina negra e a hipersexualização infantil:** o caso de Mignonnes. ODEERE, v. 6, n. 2, jul./dez., p. 383-411, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/9048/6509> Acesso em: 29/09/2022.

MONTEIRO S, BRIGEIRO M. **Experiências de acesso de mulheres trans/travestis aos serviços de saúde:** avanços, limites e tensões. Cad Saúde Pública 2019;. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/7Smzr3QL4tfvwZvqyKtysgt/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 26/09/2022.

O'DWYER, B. **A construção do gênero nas relações amorosas:** um estudo com mulheres transexuais jovens e o processo de feminização. 2016 . Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/34724/25313> Acesso em: 10/10/2022.

OLIVER, G.G.F. **Imagens da beleza:** o dilema de Paris. Tese de Doutorado em Educação Física, Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 1999. Disponível em: <https://old.cev.org.br/biblioteca/imagens-beleza-o-dilema-paris-1> Acesso em: 27/09/2022.

OLIVEIRA, A. G; VILAÇA, A. F; GONÇALVES, D. T. **Da transexualidade à disforia de gênero:** protocolo de abordagem e orientação nos cuidados de saúde primários. Rev. Port. Med. Geral Fam. 35:210-22, 2019. Disponível em: <https://www.rpmgf.pt/ojs/index.php/rpmgf/article/view/12105/pdf> Acesso em: 16/11/2022.

OLIVEIRA, V. J. C; AURÉLIO, R. P. **Influências da mídia para o padrão de beleza feminino.** [S. l.], p. 1-5, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ueadsl/article/view/13831>. Acesso em: 27/09/2022.

PODÊSTA, L. L. **Ensaio sobre o conceito de transfobia.** Rev. Peri., Salvador, v. 1, n. 11, p. 363-380, mai/out. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/27873/19974> Acesso em: 12/09/2022.

PONTES, J. C; SILVA, C. G da. **Cisnormatividade e passabilidade:** deslocamentos e diferenças nas narrativas de pessoas trans. Rev. peri., Salvador, v.1, n.8, p. 396-417, nov. 2017/abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/23211/15536> Acesso em: 27/09/2022.

RIBEIRO, S. M. **Retratos de mulher:** um estudo das imagens visuais e sociais do feminino. In: Actas do III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO, v. 3. Estudos Culturais e de gênero, Covilhã, 2005. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/mota-ribeiro-silvana-retratos-de-mulher-um-estudo-das-imagens-visuais-e-sociais-do-feminino.pdf> Acesso em: 28/09/2022.

ROCHA, I. P. **Objetificação do corpo feminino e a cultura do estupro.** Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Psicologia, Juazeiro do Norte - CE, 2018. Disponível em: <https://unileao.edu.br/repositoriobibli/tcc/I%C3%84GO%20PAULINO%20ROCHA%201104.pdf> Acesso em: 04/10/2022.

RODRIGUEZ, S. S; ANZINI, V. B. **Transviades contra o sistema transfóbico:** você sabe o que é genitalismo? REBEH - Revista Brasileira de Estudos da Homocultura. Vol. 03, n. 12, out-dez, 2020, Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/12026> Acesso em: 13/10/2022.

SAFFIOTI, H. I. B. **Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero.** Pagu, Campinas, n. 16, p. 115-13, 2001.

SILVA, L. B da; CALAIS L. B de. **A performance da feminilidade e passabilidade em mulheres LBTs.** Cadernos de Psicologia, Juiz de Fora, v. 1 , n. 2, p. 146-167, ago./dez. 2019 – ISSN 2674-9483, 2019. Disponível em: <http://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/2487/1621> Acesso em: 10/10/2022.

SOMMACAL, C. L; TAGLIARI, P. A. **A Cultura de Estupro:** o arcabouço da desigualdade, da tolerância à violência, da objetificação da mulher e da culpabilização da vítima. Revista da ESMESC, Santa Catarina, v. 24, n. 30, p. 245-268, 2017. Disponível em: <https://revista.esmesc.org.br/re/article/view/169/143>. Acesso em: 04/10/2022.

TILIO, R. de; MORÉ, I. A. A; SAMPAIO, N. P; RIBEIRO-LEANDRO, R. C; COHEN, C. R; LEONIDAS, C. **Corpo feminino e violência de gênero:** uma análise do documentário “chega de fôu fôu”. Psicologia e Sociedade, 33, e228620. ISSN: 1807-0310. Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, Minas Gerias. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/wWtLhjQP3hRQC5hDt6Pz7qq/> Acesso em: 13/10/2022.

ZERBINATI, J. P; BRUNS, M. A. T de. **Transfobia:** contextos de negatividade, violência e resistência. Periódicus, Salvador , n. 11, v. 2, mai-out. 2019 - Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades. Publicação periódica vinculada ao

Núcleo de Pesquisa NuCus, da Universidade Federal da Bahia - UFBA. ISSN:
2358-0844. 2019. Disponível em:
<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/28425> Acesso em:
13/10/2022.